

5

Do pré-vestibular comunitário ao pré-universitário

O mês de dezembro se aproximava do fim. O ano letivo da AMV já havia acabado, assim como o período de provas do vestibular. Nós caminhávamos para o final das saídas de gravação, e depois de um longo dia de entrevistas na UERJ, filmaríamos uma roda de conversa entre alunos e ex-alunos da AMV. As perguntas eram feitas por mim, Marcos e Fabiana, e muitas questões foram sendo desdobradas: dificuldade para manejar estudo e trabalho, questões ligadas ao apoio familiar, vivências universitárias, cursos pretendidos, dentre outros aspectos.

Quase ao final da gravação, Fabiana fez uma pergunta para Rafael e Maria Alice, ambos alunos da UERJ naquele momento, trazendo um conceito extremamente interessante para nossa discussão de pesquisa:

Fabiana – A gente quando era aluno aqui sempre escutava: “você quando estiverem lá vão ver como é difícil, é aqui que a gente tem que se preparar.” E o Marcos costuma dizer que a gente não deveria se chamar de pré-vestibular, por que pré-vestibular é o que prepara pra prova. A gente devia se denominar de um pré-universitário, porque a gente julga estar preparando a pessoa para a vida na universidade. Eu queria saber se vocês acham que cumpre essa função, sim ou não? Ou quão foi importante a passagem aqui para os embates vividos na universidade?

Pensar o trabalho na perspectiva de um pré-universitário fazia toda diferença nas práticas pedagógicas. Muito mais do que capacitar os alunos para realizar a prova, pensar o trabalho que faziam a partir desse novo nome ampliava a importância dos espaços de formação política. Maria Alice reforçou essa concepção através de sua resposta, contando um episódio vivenciado por ela na UERJ. A partir da queda de um pedaço de reboco do 12º andar da universidade, uma série de tensões foi deflagrada naquele espaço. Parte do corpo discente afirmava que aquilo tinha acontecido porque a UERJ não comportava mais a quantidade de gente que estava lá. Acompanhando as mobilizações geradas após o ocorrido, ela viu um aluno de classe popular, cotista, defendendo aquele discurso elitista. Ele acreditava que era aquela a razão pela qual o reboco tinha caído e não a falta de investimentos do governo do Estado. Chegou ao ponto de afirmar que

deveriam suspender o vestibular naquele ano, porque a UERJ não “aguentava” mais, não tinha espaço para mais ninguém. O reboco, de alguma forma, ganhava contornos *rizomáticos* (Deleuze e Guattari, 1995), condensando cadeias semióticas, linhas de forças e relações de poder que permeavam a universidade.

Maria Alice tomava aquela situação para afirmar que se você não tivesse uma base, corria o risco de ser cooptado, começando a defender coisas que não eram suas. Era possível articular o que dizia com o fato de que a ordem *capitalística* (Guattari e Rolnik, 2007) se projeta no mundo fabricando realidades psíquicas, ou seja, incidindo nas formas de conduta, de sentimento e de afeto. O discurso daquele aluno evidenciava a posição de consumidor de um modelo hegemônico de subjetividade, forjado nos processos de produção social e material, o que lhe fazia sair em defesa de uma universidade para poucos.

Maria Alice reconhecia a importância de ter passado pela AMV para saber lidar com aquele tipo de situação. Sua fala apontava para uma vivência no movimento enquanto espaço criador de condições para a produção de modos de subjetivação originais, processos de singularização subjetiva geradores de outras relações humanas, interessadas, por exemplo, em alargar as fronteiras da universidade para todos. Através de sua resposta a pergunta de Fabiana, referendava a ideia de pensar o trabalho do curso na direção de um pré-universitário, enfatizando a potencialidade daquele conceito para pensar as práticas dentro do movimento de cursos mais amplo.

O encontro com aquela novidade conceitual praticamente no final do processo foi surpreendente, permitindo olhar para outras vivências no campo a partir da noção de pré-universitário. De algum modo, a relação com os sujeitos da pesquisa nos colocava frente à necessidade de uma atenção aberta ao presente, fazendo com que suas falas ampliassem as possibilidades de enxergar a questão. A vivência do inesperado nos remeteu a outras entrevistas, realizadas meses antes. Em uma delas, uma ex-aluna se voltava para o momento em que ingressou na AMV, descrevendo a surpresa que teve ao se deparar com algumas práticas.

Adriana – Quando eu cheguei lá pra entrevista era uma ex-aluna e um professor (...) Eles começaram a falar do pré de uma maneira que eu nunca tinha visto na vida. Aqui ninguém é cortado, eu não seria cortada, como não fui. Você vai fazer parte de um processo de formação, não é só um pré-vestibular, você vai estudar pra entrar na universidade, mas também tem outras coisas. E que outras coisas são essas? No decorrer do curso você vai ter contato com isso, e a partir daí eu

comecei a perceber que o pré não era só um pré, o pré era quase uma fachada pra que você pudesse discutir outras coisas, pudesse fazer parte de outras coisas, que eu poderia resumir aqui como mudança no mundo, um mundo melhor e como a gente poderia fazer isso.

A idéia do pré-vestibular comunitário enquanto uma “fachada” para outras coisas é algo interessante de se pensar a partir da fala da Adriana. O lugar marcante atribuído ao vestibular no próprio nome da instituição parecia não corresponder a uma série de expectativas, que acabaram por ser ressignificadas nas vivências após o ingresso na AMV. Os limites impostos pela própria linguagem para descrever a atuação do curso exigem que se afirme, a todo o momento, a questão de não ser só um pré-vestibular. A tentativa de alcançar os sentidos das práticas pedagógicas em questão faz com que seja necessário negar seu próprio nome a cada vez que ele é pronunciado, ou seja, sempre que diz ser um pré-vestibular comunitário é necessário dizer, em seguida, que não é só aquilo. Nesse sentido, a idéia de pré-universitário é bem mais precisa, atravessada por questões ligadas a uma formação crítica que potencializa as possibilidades de ação no espaço universitário.

Entretanto, a manutenção da definição enquanto pré-vestibular comunitário, entendendo seu uso na condição de “fachada”, pode apresentar alguns pontos interessantes sobre a abrangência de suas práticas. De alguma maneira, nomear-se enquanto pré-vestibular permite que se alcance um público atravessado por outros interesses, que a partir daí podem ser inseridos na construção de outros territórios semióticos, ressignificando o projeto de ingressar no ensino superior e sua própria condição enquanto sujeito.

Cabe aqui uma retomada do conceito de *rede sociopedagógica* (SOUZA e SILVA, 2005). Seu uso permite uma articulação interessante com o conceito de pré-universitário no contexto da AMV. A preparação do aluno para ocupar o espaço acadêmico de forma ativa e crítica se estende para outras inserções possíveis na cidade, pois além de colocá-lo em contato com a diferença, necessária ao exercício da cidadania, permite uma ampliação de seu campo de vivências e trocas com outras formas de vida. Essa questão se torna mais clara nos depoimentos de Karla e Marcelo a respeito da entrada no ensino superior mediada pela AMV.

Karla - O AMV representa pra mim muitas coisas (...) a possibilidade de diálogo nesse lugar, a possibilidade de crescimento individual e coletivo por uma sociedade mais justa, a gente conhecendo essa luta da esquerda que eu ignorava e a partir de um determinado momento da minha vida, encontrando esse espaço, foi possível pra mim atingir essa faculdade, mas com outro olhar. Eu não só entrei na UFF, a Karla Mero entrou na UFF com outro olhar, com outro tipo de vida. Coisas que eu aprendia lá, posturas de professores que eu via lá, eu pude questionar a partir das coisas que vivi aqui, então a minha vivência na UFF não foi qualquer vivência. A vivência dos nossos alunos na universidade não é qualquer vivência.

Marcelo - Tem muita gente que nasce, cresce e morre no morro e não consegue ampliar os horizontes, mesmo porque é toda hora “você estuda na escola pública, você não vai arrumar porra nenhuma não, tu só vai lá pra comer merenda”. Eu escutei isso demais, só que eu nunca fui conformado com isso. Porque que se eu moro aqui, eu tenho que viver só nesse pouquinho que eu conheço. Aí apareceu esse lance (AMV) e abriu já a minha mente, quando eu entrei na universidade foi um universo muito grande de informações que eu captei, aprendi a observar a sociedade, a minha vida de um outro prisma. Porque a gente vai conhecendo idéias diferentes, vai debatendo com pessoas diferentes, claro que nem tudo são mil maravilhas, você tem que engolir alguns sapos. Mas isso serviu, foi lição e lição boa.

O acesso as novas linguagens e a ampliação de referências simbólicas contidos nos relatos permitem entender o espaço do pré-universitário como um agente de transformação, expandindo o campo existencial dos seus educandos. Como consequência desse processo, surge uma série de questionamentos sobre os modos de vida local nas suas comunidades de origem, criando outras formas de se relacionar com valores religiosos, morais e estéticos que estavam acostumados. Esse “estranhamento do familiar”, muitas vezes é acompanhado por um distanciamento mútuo, visto que, muitas vezes, as pessoas que compunham seus círculos de relação também passam a estranhar seus novos modos de existir.

Karla – Em muitos momentos eu fiquei afastada da minha família por conta das necessidades que eu assumi aqui, então os eventos, as atividades, os projetos que a gente desenvolvia, os programas e tudo mais. A dedicação passou a ser maior, então a minha ausência a minha família. E num determinado momento, eu identifico que durante o desenvolvimento das nossas descobertas a gente vai se afastando das nossas raízes, acho que até mesmo pra se encontrar. Hoje eu fico pensando e acho que é um pouco por isso.

Suelen – Na verdade, eu tenho uns embates muito fortes na minha família, em virtude de uma vez eu ter sido criada em religião. Minha família é uma família católica e tradicional e tal. E aí quando eu venho pro “pré” eu descredito em tudo aquilo que eu fui ensinada a acreditar. E assim, eu acho que o “pré” foi isso, um espaço que me propôs a conhecer coisas novas e ver que não existia verdade absoluta né, que não existe.

Como nos aponta Souza e Silva (2005), dentre as consequências que envolvem o ingresso na universidade por parte dos jovens das classes populares, o desenraizamento e a ruptura com a comunidade de origem são elementos marcantes. Pensando essa questão através do prisma da produção de subjetividade, a assunção de valores hegemônicos por parte desses jovens podem levar a um olhar estigmatizante sobre o lugar onde foram criados. Entretanto, outras formas de se relacionar com a questão da origem também são encontradas. Ao invés de uma sedução por valores hegemônicos ligados ao consumo e as representações simbólicas das classes dominantes, a ampliação do campo existencial permite entendimentos sobre os processos de produção da exclusão. Isso faz com que se escape de visões que culpabilizam os marginalizados por suas próprias condições, estimulando sentimentos de pertencimento e o engajamento em ações coletivas pela transformação das localidades. O reconhecimento a partir do lugar de protagonistas de suas histórias surge como um desdobramento deste processo, ampliando as possibilidades de se exercitarem no campo do discurso e o contato com a condição de sujeito de direitos.

Karla – a gente tem uma maciça e frequente acusação, a gente vive né, uma maciça representação discriminatória desses espaços. Então a minha família vive lá, meus amigos e parentes são de lá, e hoje eu me mudei a pouco tempo pro asfalto né, como se diz, mas as minhas origens estão lá. Eu tenho uma amiga de 92 anos, a história dela é naquele lugar, muito antes do crime se organizar nesses espaços, ela já vivia lá. Meu avô viveu lá. São espaço de pessoas, de humanos que ali vivem, que ali trabalham, que ali constroem. Então no AMV, discutindo todas essas questões discriminatórias foi possível eu identificar essas acusações errôneas, essa ignorância, essa falta de tolerância. E essa discriminação exagerada com essa população, comigo né.

Maria Alice - Foi aqui no Mangueira que eu aprendi, que eu descobri que eu tinha direito de ter direito, foi aqui no Mangueira que eu aprendi isso.

Marcelo (F10/ 16:50 - 17:48) - porque o morro que passa na televisão é o morro que só passa quando tem uns três lá no chão, quando está um monte de fuzil na mão, não passa o morro do dia-a-dia, o morro que você sai pra trabalhar, volta, que você senta no bar pra trocar uma idéia, que você tem casa que não chove dentro, porque a idéia que tem na televisão é que todo mundo que nasce na favela é

coitadinho, todo mundo que nasce na favela tem que ter ajuda de A, B ... todo mundo que nasce na favela é ser humano como qualquer outro e tem que ter crédito como se fala por aí tem que acreditar, mas se o cara não se acredita como é que ele vai fugir disso, aí vem pro Mangureira Vestibular e aprende um pouquinho, aprende a ter esse crédito pra poder chegar ali do outro lado da linha do trem, na UERJ, e lá poder se expressar.

A inserção em um contexto de discussão de direitos provoca uma “torção” dos vetores que individualizam as questões políticas. O reconhecimento da condição de cidadão, ainda que desrespeitada em diversas esferas, permite o envolvimento e a participação nas lutas pela afirmação da cidadania no cotidiano do pré-universitário. Nos espaços de formação coletiva, busca-se um paralelo entre o racismo sofrido pelos negros e o machismo pelas mulheres, além da inclusão de algumas discussões, em menor número, sobre a homofobia. O combate as opressões ocorre no campo da produção de subjetividades, construindo outras formas de existir e se perceber para além da estigmatização. As políticas de ações afirmativas passam a fazer parte dos debates por meio de um olhar conjuntural, situando a construção histórica das desqualificações racistas e buscando combatê-las no cotidiano. Reconhecer-se enquanto negro e ingressar na universidade pública através da política de cotas raciais passa, então, a ser entendido como um ato político, fruto da conquista de intensas mobilizações sociais.

Marlúcia - A minha inserção na UERJ foi através das políticas afirmativas, eu sou cotista de cota racial, e dizer que eu tenho muito orgulho de entrar através dessa cota, eu não diria orgulho, eu diria firmeza talvez. Eu não encontro a palavra que eu gostaria de expressar aqui, mas eu diria que fôlego e coragem desses movimentos sociais que se organizaram pra que isso acontecesse.

Rejane – Porque hoje tem uma questão de que as pessoas não se vêem, elas não conseguem se ver na luta, elas não conseguem ver que aquela luta é delas. Eu posso dizer isso dentro da universidade com a questão das cotas. Fiz o vestibular por cotas de negro, porque eu acredito nas cotas. E aí quando entro na universidade, estar no AMV é maravilhoso porque você entra pronto na universidade (...) isso tudo já foi discutido, já foi debatido, porque se você resolver absorver isso, e se você acreditar nisso, quando você entra na universidade, quando essa discussão vai pra sala de aula, você consegue trabalhar muito bem (...) quando falavam da questão racial, todo mundo olhava pra minha cara na sala (...) porque já sabia que eu não ia ficar quieta e ia ter a discussão, mas isso graças ao pré-vestibular, porque a gente já vinha fazendo essa discussão antes.

Rejane – A única vez que eu tive uma discussão e foi com uma aluna branca ela falou ah por causa das cotas. Mas eu falei com ela quanto você tirou na prova? Se vamos trabalhar com a meritocracia, vamos trabalhar com a meritocracia. Quanto tirou? Ela falou quanto tinha tirado e eu falei, que se ela quisesse, eu podia levar minha prova. A nota foi maior que a sua. E aí? Se fosse por questão de mérito eu estaria na sua frente, e aí? Que que a gente faz. Na verdade ser cotista é mais uma convicção do qualquer coisa, porque esse país precisa reconhecer que ele é racista, que ele discriminou e que ele discrimina até hoje.

Marlúcia - isso pra mim não me atinge, não me atinge porque foi trabalhado isso aqui no AMV, mas tem colegas que se escondem, que tem vergonha de dizer que são cotistas, então perceba como isso é tão cruel que o colega sente vergonha de dizer que entrou através de cotas. Eu não sinto vergonha nenhuma, eu tenho as minhas limitações, eu tenho dificuldades sim, mas elas são superadas, são superadas quando eu volto aqui no AMV pra tirar uma dúvida, quando eu encontro pouquíssimos professores que trabalham com você de uma forma inclusiva.

Os embates vivenciados no contexto acadêmico são importantes conquistas políticas para o pré-universitário. Seus ex-alunos se tornam multiplicadores das lutas nos espaços que passam a frequentar. Essa dimensão micropolítica, que vai se afirmando por contágio, trabalha com a inserção da esfera da subjetividade no campo sócio-político (Guattari e Rolnik, 2007). O mal-estar provocado pela vivência em contextos de injustiça social e desigualdade vai sendo nomeado, criando um senso de responsabilidade na busca pela transformação. A formação crítica é enxergada com um processo contínuo e a “causa comum” faz com que ocupem outro lugar na sociedade, fora do círculo familiar e inserido nas relações sociais mais amplas.

Karla - Até então as minhas inquietações, elas não tinham nome, elas não tinham definições. Eu não sabia o que tanto me inquietava de verdade, tantas injustiças no lugar onde eu morava, tantas situações ruins e eu não sabia localizar isso (...) E no AMV isso foi possível (...) achar a direção daquilo que eu queria e que eu acreditava. Então a necessidade de poder estar me inquietando, e aprendendo, descobrindo quais são as questões pelas quais eu realmente devo brigar, que eu devo identificar. E foi nesse espaço, na possibilidade de conhecer, é óbvio que isso foi dentro de um processo em que eu pude dar nome aos questionamentos que me incomodavam já a tempos e eu não tinha ainda a capacidade, eu não tinha esse despertar.

Ester – E aí a questão de classe, de gênero, etnia... Enfim, então eu comecei a pensar sobre isso de uma forma crítica por meio do AMV. Só que pra acabar, pra desconstruir várias coisas que eu aprendi na minha vida foi todo um processo, e aí nas conversas com os professores quando eu tinha uma fala preconceituosa, um

professor me provocava assim, pra refletir sobre. E isso foi me amadurecendo assim. Foi me dando um novo olhar, uma nova perspectiva sobre aquele assunto. E aí foi um processo muito lento pra mim né, na verdade eu continuo nesse processo ainda, ele não terminou.

Boa parte das entrevistas que fizemos com os ex-alunos e professores abordavam esse ponto relativo ao engajamento, muitos inclusive situando suas trajetórias pelo curso. Falavam sobre a mudança da posição de aluno para professor ou coordenador, após o ingresso na universidade, e as diferentes experiências envolvidas nestas formas de se ligar ao movimento. Entretanto, o acompanhamento do cotidiano apontava para uma baixa participação nos espaços coletivos, envolvendo reuniões pedagógicas, assembléias e atividades de formação.

Nas conversas entre as pessoas mais envolvidas, havia sempre uma mistura de crítica e tentativa de entendimento da postura de professores e alunos que não frequentavam esses espaços. Em relação aos alunos havia uma tolerância maior, pois se entendia que estavam no meio de um processo, onde aquelas práticas políticas poderiam começar a fazer sentido ou não para eles. Já no caso dos professores que limitavam a participação no movimento a suas próprias aulas, as críticas eram maiores. Muitas vezes se questionava suas reais intenções na AMV. Estavam ali pela revolução ou não?

Diversas vezes essa pergunta era colocada e os embates sobre as diferentes formas de se vincular ao movimento atravessavam um campo de forças entre o voluntarismo e militância. Um ideal de militância por vezes se apresentava de forma opressiva, invalidando a atuação daqueles que não se enquadravam nessa referência e provocando frustrações, que apontavam sempre para uma possível dissolução do movimento. Em outras situações essa rigidez era relativizada e as inquietações giravam em torno dos desafios e estratégias para aumentar o engajamento coletivo, assim com a potência política do movimento.

Em uma das idas a campo acompanhei a discussão sobre a possibilidade de interromperem o “Domingo é dia de cinema”, atividade de importância histórica dentro do movimento de pré-vestibulares comunitários que corria riscos de acabar pela baixa participação das pessoas. Diziam que a frequência por parte dos alunos de algumas iniciativas vinha caindo muito ao longo dos últimos anos, mas no caso

da AMV, a participação nas últimas sessões era quase nula. Reunindo boa parte das questões debatidas naquele espaço, Marcos enviou um email coletivo, gerando algumas repercussões. A diversidade de questões condensadas naqueles escritos faz valer uma reprodução na íntegra.

08/08/11 – Marcos – ODEON - ÚLTIMA SESSÃO do Domingo é Dia de Cinema - 21 de agosto

Companheir@s,

Aí vai mais um e-mail angustiado.

No próximo dia 21, domingo, às 9 horas da manhã, realizaremos a próxima (e provavelmente última) sessão do projeto "Domingo é Dia de Cinema". O filme será "O Veneno está na Mesa", sobre a questão dos agrotóxicos. Mas aí vai um comentário pessimista: não creio que o veneno esteja somente na mesa. Creio que já está, também, nas nossas mentes...

Na última sessão que realizamos, que foi no dia 10 de julho, compareceram nada mais do que 80 pessoas. E não esqueci nenhum zero aí. Bem que poderiam ser oitocentas pessoas, pois o filme apresentado, o "Cortina de Fumaça", que trata do tema das drogas, é um filme maravilhoso, que ao meu ver presta um ÓTIMO serviço para a humanidade; o debate também foi bastante construtivo (ou destrutivo, se queremos desconstruir o que está posto aí fora); e o tema, mais do que importante para o vestibular, é importante para as nossas vidas (uma vez que a chamada "guerra às drogas" destrói e mata mais do que as próprias drogas, e sabemos de que lado morrem mais pessoas, de que lado estão as famílias que mais são destruídas por esta "guerra", e qual é a classe, a etnia, a cor, o sexo, o bairro, afetados por esta suposta "guerra às drogas").

Mas, infelizmente, compareceram somente oitenta pessoas. (infelizmente para nós, óbvio, que para a PM, para o governo, para a elite, quanto menos pessoas discutirem isso, melhor).

Me lembro daquela que tinha, até então, sido a sessão mais vazia da história do projeto.

Foi quando passamos o filme "Saindo do Armário", com a proposta de debater o tema da homossexualidade. Foram 120 pessoas (um recorde de baixa frequência), e isso porque "não somos homofóbicos"...???

Então pensamos: pra que (e para "quens") serve, hoje, este projeto?

Serve para nós (os que estamos indo nas sessões), para assistirmos a filmes magníficos (pelo menos na minha opinião), debatermos vários temas, e sairmos com mais conhecimentos sobre determinados temas? Certamente que sim. Eu, particularmente, me sinto sempre "melhor", mais esclarecido, a cada sessão. Mas certamente não precisamos do Odeon para isso. Oitenta pessoas cabem, se for o caso, até na nossa sala de aula, e sem as aporinhações de pagar dois reais, pagar passagem, agendar com o Odeon, etc e tal. Quanto a isso, não vejo problema.

Mas e os que não estão indo: (alun@s, professoræs, ex-alun@s), não estão indo por qual (ou quais) motivos?

Será que os temas debatidos não são interessantes?

Será que estes temas são interessantes, mas só são importantes "para os outros", pois algumas pessoas já estão "formadas politicamente", e já sabem tudo sobre os temas apresentados?

Será que o dia é ruim (domingo), e colocar no sábado faria diferença?

Será que o horário (9 da manhã) é muito ruim, e o melhor seria que as sessões fossem à tarde?

Será que queremos (ou acreditamos) realmente (n)a Revolução?

Será que este projeto já deu o que tinha que dar, e agora o melhor a fazer é acabar com ele e partir para outro?

E, neste caso, o que fazer com as pessoas que NUNCA foram, e provavelmente, NUNCA irão ao Odeon ver algum tipo de filme (pelo preço, pela cultura de exclusão, pelo próprio tipo de filme que passa lá, etc e mais etc...)?

Não que o Odeon seja "nosso", ou algo "tão maravilhoso" que tod@s têm que conhecer.

O Odeon é "só" um cinema, porém é o último que resta (fora dos shoppings), e que ainda permite a entrada de negr@s, de pobres, de trabalhadoras, e para ver filmes realmente interessantes (embora ainda nos cobrem os dois reais, nos tirem da sessão às 14 horas, e só nos recebam uma vez por mês). Nos shoppings (da baixada, da Zona Oeste – exceto Barra – e das Zonas Sub-urbanizadas) a entrada destes "tipos de gente" é até permitida ("mas vocês vão ver os tipos de filmes que mostraremos a eles...").

"Bruna Surfistinha" (pra quem quiser vencer rápido na vida), "Velozes e Furiosos 15" (pra aprender a dirigir no Rio de Janeiro), "Velocidade Máxima" (deve ser pra própria idiotização), e "Duro de Matar 25" (pra aprender a ser um policial de verdade) são apenas alguns dos "maravilhosos representantes" desta que se diz "a sétima arte".

Na verdade, não vejo problema em se assistir a filmes deste tipo (eu já assisti a piores, com certeza). O problema está em só ter a chance de assistir a isso, e ser criminosamente impedido (por várias razões não-desconhecidas) de assistir a outros tipos de filme, e que toda a elite (e alguns de nós, felizardos, também) assistem direto!

Filmes como "Cortina de Fumaça" (já falei), "O Corte", "O Que Você Faria", e tantos outros que, nestes 11 anos de projeto, nos presentamos, com debates maravilhosos e presença de pessoas como Paulinho Chinelo, João Pedro Stédile, Carlos Walter (e a melhor aula de América Latina que já tive na vida), e tantos outros, que jamais (JAMAIS) teríamos conhecido (pelo menos a grande maioria de nós).

Que fazer? Ver filmes apenas nas nossas casas?

Pagarmos 20 reais (ou mais) nos cinemas da Barra e Zona Sul?

Fazer as sessões nos prés, apenas para as pessoas de cada pré?

Deixar tudo pra lá e continuar a fazer as sessões pra 70, 60, 50 ou sei lá quantas "menos" pessoas?

São muitas perguntas, e, obviamente, não sabemos as respostas.

O que sabemos é que, muito provavelmente, esta será a última sessão.

E, só pra piorar a nossa esperança, não foi o Odeon quem nos tirou (por eles, nós continuaríamos lá sem nenhum problema).

Aliás, como oitenta pessoas podem “dar problema”???

E também não foi a polícia militar, não foi a elite, não foi o Eduardo “Guerra aos Pobres” e sua política de desocupação, e nem foi a atual crise econômica, o desemprego, a dengue, as olimpíadas ou a copa, a operação asfalto liso ou a transcarioca quem nos tirou de lá.

Quem nos tirou, pasmemos nós (ou não), fomos nós mesmos.

O veneno (e o inimigo), desta vez (e só desta vez???), está dentro de nós.

Até a próxima,

Há braços (embora, em alguns casos, não saiba como usá-los),

Marcos.

A sessão de agosto trouxe um número maior de pessoas e o “Domingo é dia de cinema” segue resistindo, seja pelo sentido de continuar a acontecer ou de representar um espaço de resistência a modelização da produção de subjetividade. Nesta e em outras atividades, a linguagem do cinema é apropriada em nome de processos de singularização, na contramão dos meios de comunicação de massa. Enquanto modalidade de mídia, permite apropriações que causam ruídos dentro dos sistemas dominantes, “servindo de caixa de ressonância para movimentos sociais emergente mais amplos” (Guattari e Rolnik, 2007, p.137).

Nossa proposta, em certo sentido, buscava ampliar essas possibilidades de relação com o cinema através da co-autoria na construção discursiva do filme. Em fevereiro deste ano nos reunimos para assistir o copião, primeira montagem bruta do documentário. AMV e GIPS negociavam a construção de um discurso final, mediando tensões e diferentes perspectivas nessa construção com o outro. Em meio a uma série de sugestões, comentários e acordos sobre modificações para edição final, surgiu uma questão óbvia, mas até então pouco pensada por nós: Qual seria o nome do filme?

Após várias sugestões, terminamos a reunião sem conseguir responder essa pergunta. Procurávamos algo que pudesse ser representativo das questões do filme sem, no entanto, parecer tão diretos, como, por exemplo, se colocássemos o nome da AMV no título. A intenção era partir de uma discussão naquele espaço para

pensar mais além, logo o título deveria evitar esse fechamento em si mesmo, buscando um sentido mais plural, metafórico. Buscar palavras ou frases nas falas dos próprios entrevistados foi um começo: “Hospedes indesejáveis?”, como definiu Jorge Márcio falando sobre a condição “estrangeira” e pouco acolhedora dos alunos oriundos de pré-vestibulares comunitários nas universidades públicas. “Do outro lado da linha do trem?”, Como falou Marcelo sobre a passagem da Mangueira para a UERJ, deixando clara a separação simbólica que os trilhos marcavam entre a favela e a universidade.

A palavra “resistência” aparecia algumas vezes ao longo do filme e retornava em nossas tentativas de fechar o título. Uma cena em que ela aparecia quase no final do copião era particularmente significativa. Fontinha, um dos professores dos primeiros anos do curso e que havia falecido pouco tempo depois de nos conceder sua entrevista para o filme, olha para a câmera encarando o espectador, como se quisesse dizer algo realmente importante, e afirma: “Esses cursos são cursos prova de resistência. É muito mais resistência do que outra coisa qualquer.”. Sua imagem nos deixava uma pista que não podíamos desconsiderar.